

Um ano melhor para o mundo. E para o Brasil.

Banqueiros e executivos estrangeiros acreditam que os juros vão permanecer estáveis e que as economias dos Estados Unidos e da Europa poderão crescer entre 1% e 2% em 83.

O próximo ano não deverá ser tão ruim quanto se acredita. Pelo contrário, a economia mundial, incluindo o Brasil, poderá crescer um pouco, com os juros externos mantendo-se mais ou menos nos níveis atuais. A previsão foi feita ontem no Rio pelos representantes de diversas empresas estrangeiras de leasing, ao mesmo tempo em que o presidente e vice-presidente do Bank of America, o maior banco privado do mundo, diziam que o País não terá problemas para levantar os dólares de que necessita para fechar suas contas externas em 1983.

Em Brasília, o presidente do Bank of America, Leland Prussia, assegurou que a instituição continuará concedendo empréstimos ao País, pois crê "na seriedade e responsabilidade das autoridades brasileiras". A meta do governo de obter um superávit comercial de cinco a seis bilhões de dólares é "razoável", tendo em vista as recentes medidas aprovadas, como os cortes das importações e o total incentivo às exportações.

Esta estratégia foi explicada a Leland pelo ministro da Fazenda, Ernane Galvães, e pelo secretário-geral do Ministério do Planejamento, José Flávio Pécora. Ao final, Leland qualificou o encontro de "franco e amplo", em que houve "uma conversa de um banqueiro com seus devedores".

O vice-presidente do Bank of America, Joel Korn, em contato com a imprensa ontem no Rio, foi mais enfático. Lembrou que a entidade é o terceiro maior credor do Brasil, mas "em breve estaremos na segunda posição, fato que corrobora nossa atitude de sempre acreditar na capacidade brasileira".

Esta confiança, conforme frisou, se deve a vários fatores como potencialidade produtiva, estabilidade política, acerto na administração da dívida externa, firmeza da política monetária, capacidade do setor empresarial e a consciência nacional para a solução de grandes problemas.

Por isto mesmo, não será difícil para o Brasil captar os recursos de que necessitará em 1983, mesmo "se sabendo que existe uma certa retração de empréstimos pela comunidade bancária internacional, em face dos recentes problemas de crise financeira em alguns grandes tomadores de dinheiro". Mas esta tendência tende a reverter-se, mesmo para os países que estão enfrentando sérios problemas.

Empréstimo no valor de US\$ 600 milhões será assinado quinta-feira, em Foz do Iguaçu, entre a Companhia Vale do Rio Doce e a Comunidade Européia do Carvão e do Aço. O contrato prevê a liberação inicial de US\$ 70 milhões por um pool de bancos, entre eles o Bank of America.

Juros estáveis

Joel Korn acredita que "este ano deveremos fechar com algo em torno de 10%", em matéria de juros internacionais, que poderão declinar até para 9%.

Os empresários que participaram do II Congresso das Empresas de Leasing, encerrado ontem no Rio, fizeram previsões semelhantes.

George J. Finguerra, vice-presidente da *Manufactures Hanover Leasing Corporation*, disse que a prime-rate, taxa cobrada pelos bancos norte-americanos a seus clientes preferenciais, poderá cair até o nível de 9% ao ano, mas à medida que a economia começar a

reagir, haverá maior demanda de crédito e as taxas deverão retornar ao atual nível de 11%.

Segundo ele, pode-se esperar que as autoridades norte-americanas mantenham a política monetária bastante controlada, para evitar um recrudescimento da inflação.

A Libor, Taxa Interbancária de Londres, tende a acompanhar o comportamento da prime. Duncam Hitchcox, diretor internacional da *Midland Montagu Leasing* subsidiária do *Midland Bank* da Inglaterra, espera uma pequena retração dos juros no mercado de Londres para as próximas semanas.

Hitchcox espera para o próximo ano um crescimento econômico de 1 a 2% na Inglaterra e admite que, nos países da Comunidade Econômica Européia, a taxa média de expansão se apresente nesses mesmos níveis. Apesar das altas taxas de desemprego, que só cairão à medida que houver uma reativação da economia, o diretor da *Midland* assinalou que a maior preocupação ainda é com a inflação, que este ano deverá fechar ao redor de 6% na Inglaterra.

Nos Estados Unidos, a economia poderá crescer no próximo ano cerca de 2%, segundo George J. Finguerra. Essa taxa de crescimento, segundo ele, é compatível com a manutenção da inflação ao nível atual (4% projetada com base na posição mensal) com uma pequena redução na taxa de desemprego de 10% para 9%.

Henrique de Campos Meirelles, presidente da *Associação Brasileira das Empresas de Leasing*, considera que no Brasil poderão ocorrer taxas positivas de crescimento da economia no próximo ano.